

JOHN AJVIDE  
LINDQVIST

Autor de *Deixa ela entrar* e *Estou atrás de você*

ESCRITO  
NA ÁGUA

TEMPESTADE DE SANGUE 1

Tradução de **Helena Hilden**

**TORÐSILHAS**

Rio de Janeiro, 2025



## PRÓLOGO – SOLSTÍCIO DE VERÃO 2019

A mesa está arrumada para uma festa no deque. Há tudo o que deve ter em uma noite sueca. Peixe, batatas e aperitivos. Há também almôndegas e presunto, para o caso de o peixe ser muito exótico para as visitas vindas de longe. Uma toalha muito branca cobre a mesa sob porcelanas de cerimônia. Há um par de bandeiras suecas em mini mastros, um em cada ponta da mesa, balançando conforme a brisa do mar. É um dia perfeito.

Os anfitriões da festa são Olof Helander e sua mulher Gabriella, donos da ilha Knekt a cerca de um quilômetro de Tärnö no arquipélago de Estocolmo. Na colina acima do deque fica sua vila projetada por arquitetos – chamada de “cabana” pelos donos –, cento e cinquenta metros quadrados de planta com janelas com vista panorâmica para a água. Os negócios de Olof com direitos de emissões e compensações climáticas são o motivo da festa.

Eram quatro convidados sentados à mesa com exclamações de encanto. Chen Bao que também negocia no setor de clima em sua terra natal, a China, assim como sua mulher, Chen Min. E também Cédric Montaigne, membro do parlamento Europeu responsável pela coordenação dos trabalhos relacionados ao clima entre os membros da união. Sua mulher chama-se Suzanne.

O anfitrião bate na taça e dá as boas-vindas a suas visitas em inglês e até diz algumas frases em chinês e francês. Enquanto levanta seu copo de aperitivo, todos devem aprender a dizer “skål” em sueco, uma prática recebida com risadas e um sorrisinho embaraçado de Chen Min colocando a mão na frente da boca.

Na ponta da mesa, escondida atrás de um par de óculos de sol e com o rosto virado para a água está Astrid, a filha de catorze anos do casal Helander. Ela detesta a ocasião e foi convencida a ceder para “representar a família”, como o pai dela dizia, apenas devido a ameaça de Olof de alterar a senha do roteador. Ela detesta a falsa conversa jovial, assim como as perguntas obrigatórias das visitas, quase implode de náusea quando os adultos meio bêbados andam ao redor do poste preparado para a festa de solstício de verão tentando aprender a *dança típica sueca* “Små grodorna” e sente-se enjoada com as carnes postas na mesa.

Antes de os hóspedes se sentarem à mesa, Astrid passou rapidamente pela cozinha e postou um texto no seu Insta “O Solstício de Verão é Mortal”. Ela tem quatro mil seguidores e posta fotos, filmes curtos e textos sobre veganismo e direitos dos animais.

Astrid pega o celular e nota que já são uma e quinze. Pretende ficar no máximo mais quinze minutos sentada e representando, depois seu pai pode dizer o que quiser. Olha para a baía com águas que parecem um espelho e avista veleiros passando ocasionalmente sem motor com velas reduzidas.

*Helan går, sjung hoppfallerallan...*

Olof se levanta e Astrid aperta os olhos como se doesse. Seu pai tenta ensinar a *canção típica sueca* para suas visitas que tentam cantar sem melodia, com seus respectivos sotaques, Astrid pensa: *Dez minutos. Não, cinco. Mais cinco minutos.*

Para suportar os cinco minutos, Astrid toca no ícone do FaceTime e liga para Algot, um colega de classe que ela sabe que está apaixonado por ela. Precisa de um pouco de admiração em um dia como este. Enquanto o aguarda atender a ligação, Astrid olha para a água que tem um brilho dourado através dos óculos de sol. Ouve um ruído distante de um motor que se aproxima.

— O que tá acontecendo?

Astrid Helander abaixa o telefone onde o rosto de Algot se vira para ouvir melhor o que acontece no outro lado da linha.

Os adultos continuam com suas interpretações exageradas, infantis e negativas de “Helan går”. Astrid balança a cabeça e levanta novamente o telefone.

— Nem queira saber.

— Ok. Você tem alguma novidade?

— Hum. Nenhuma.

Ouve-se um ruído do outro lado enquanto Algot digita no computador e seu rosto com espinhas se ilumina com um gesto.

— O Solstício de Verão é Mortal. Legal. Já tem oitenta likes. Aqui vai mais um.

Algot é bom, esperto e encorajador e Astrid realmente gostaria de corresponder a seus sentimentos, mas ela está totalmente envolvida com os próprios sentimentos e por isso começou a pensar que é assexual. Nunca teve nenhum tipo de sentimento por alguém, se não contar seu encanto por Edward em *Crepúsculo*, e isso porque era o esperado.

Ela pergunta o que Algot está fazendo e ele responde:

— Nada especial.

Ao mesmo tempo, um barco aberto a motor aparece no campo visual de Astrid e se aproxima do deque. Os idiotas estão esperando mais visitas? O motor é invertido para ré e depois para neutro e o barco para a cinco metros na frente do deque. Astrid olha para cima.

*Mas o quê...?*

Dois homens estão sentados no barco. Os dois estão com balaclavas na cabeça. Agora se abaixam e cada um levanta sua...

— Merda! — grita Astrid e se joga para o lado quando os homens abrem fogo com armas automáticas. Astrid pressiona o rosto contra a madeira quente do deque e ouve as taças e porcelanas quebrando acima de sua cabeça, o barulho era estranho quando as balas lançadas em frequência absurdamente alta atingiam os corpos. Entre os ruídos das armas, ela ouve Algot gritando ao telefone:

— O que tá acontecendo? O que tá acontecendo?

A escuridão sob a mesa é pontuada por balas que perfuram a toalha da mesa e finos raios de sol passam sobre a cabeça de Astrid quando ela sente um golpe na mão direita.

O telefone pula e voa sobre a borda do deque. Uma farpa arranha o rosto de Astrid. Ouve-se um ruído quando o telefone cai na água.

*Eu vou morrer. Eu vou morrer...*

Um cheiro de molho de peixe e álcool atinge as narinas de Astrid enquanto os corpos deslizam ou caem das cadeiras ao seu redor e o ruído das armas não para. A toalha branca fica manchada de sangue e com os últimos restos de



pensamento racional. Astrid percebe que a qualquer segundo uma bala pode atingir sua cabeça, então, rola para a borda do deque pelo mesmo caminho do telefone e se deixa cair na água.

Ela atravessa a borda e cai na escuridão e no frio. Na frente dos seus olhos arregalados flutuam algas e vegetação aquática. Sua consciência se apaga e os pensamentos apavorados desaparecem. Aqui está silencioso e bonito. Ela pode ficar aqui. E assim prende o pé direito entre dois blocos do deque para não subir para a superfície.

Tranquilo e quieto. Agora está bom. Apenas um pouco escuro. Astrid balança a cabeça para sua estupidez. Estranhamente ainda está com os óculos de sol. E nem sequer quebraram. Legal.



AMOSTRA

I  
JULIA E KIM





# 1

Julia Malmros encontrou Kim Ribbing pela primeira vez enquanto realizava pesquisas para o romance *Millennium* que fora convidada a escrever. Depois que David Lagercrantz se demitiu do trabalho, a série muito rentável foi suspensa até encontrarem um escritor apto para continuar a história de Mikael Blomkvist e Lisbeth Salander.

Julia foi a primeira a ser consultada. Seus quatro livros sobre o investigador criminal Åsa Fors foram um sucesso nacional e internacional, sendo publicados em quase quarenta países. Seu sucesso dependia de muitos fatores, mas um essencial era o *realismo*. Julia tinha uma carreira de mais de vinte anos na polícia, primeiro com fraudes econômicas e depois com crimes violentos, antes de aposentar o cassetete e pegar na caneta.

Bem, não foi tão simples. Houve uma fase de transição. Julia continuou seu trabalho como investigadora criminal até a publicação do seu segundo romance sobre Åsa Fors. Foi seu grande triunfo e rendeu tanto que Julia se arriscou a pedir demissão, para se dedicar inteiramente à profissão de escritora.

E agora foi oferecido o *Millennium*. Ela estava lisonjeada, hesitante e um pouco assustada. Havia percebido que as expectativas eram enormes e sua vida e economias iriam se alterar se ela aceitasse. Havia lido sobre Lagercrantz e os valores que havia recebido com Joakim von Anka.

Mas o que Julia faria com tanto dinheiro? Seus livros já haviam permitido a compra de um grande apartamento de esquina na praça Järn em “Gamla stan”, a cidade antiga, bem como um Toyota Prius híbrido que ela raramente usava.

Havia reformado seu chalé de verão em Tärnö e construído um novo deque. O que mais poderia necessitar? Claro, poderia ter uma piscina, mas valeria a pena colocar seu prestígio em jogo para nadar um pouquinho pela manhã?

No final foi a vaidade que decidiu o assunto. Ela o faria somente para demonstrar que seria capaz, ela *mostraria aos demônios*. Julia não sabia quem eram os demônios, mas estavam em algum lugar observando. Ela era apreciada pela maioria dos leitores e dos críticos, mas certamente havia alguns que duvidavam. Julia Malmros? *Millennium*? Ugh!

Havia *uma* coisa que a amedrontava: Lisbeth Salander. Julia havia lido os livros da série *Millennium* e sabia que o crime cibernético e a espionagem eletrônica frequentemente eram uma parte essencial da ação. Ela achava que seria possível assumir o personagem de Lisbeth, mas a programação e hacking? Os conhecimentos de Julia sobre computadores se limitavam ao necessário para investigações de crimes financeiros, mas eram apenas práticos e ainda por cima desatualizados. Ela necessitaria de ajuda.

Julia contactou a editora e pediu que encontrassem alguém com os conhecimentos que ela não tinha. Nunca fazia pesquisas para seus livros e seria burrice ser negligente com algo tão desejável como o *Millennium*. Enquanto esperava alguma notícia da editora, trabalhou em um rascunho de uma trama.

Seus romances de Åsa Fors eram baseados no trabalho diário de um policial sueco. Mas com o *Millennium* ela pretendia dar um ar diferente. Intrigas internacionais, talvez ambientadas em alguns lugares que havia visitado em suas viagens.

México foi seu primeiro pensamento. Cartéis de drogas que se infiltravam na política e assassinavam jornalistas discordantes. Era algo para Micke Blomkvist. Adicione a isso os conflitos fronteiriços atuais com os Estados Unidos. Salander poderia hackear a rede de dados do cartel e sabotar seus transportes. Cenas de ação. Com a motocicleta através da selva, encontro com um navio de contrabando. Havia boas coisas para inventar.

Julia agiu como de costume e anotou suas ideias em post-its que organizou na parede do escritório. Quando já tinha uns cinquenta, começou a juntar em grupos e progressões de possíveis cenas. A estrutura começou a se movimentar e acenar para ela como um boneco do *Día de los muertos*. Ela aprovou e riu para si mesma. *Millennium, seu capeta!*

A editora ligou depois de uma semana. Não foi muito fácil encontrar um hacker competente, não era algo que se anunciava no jornal, nada disso. Através de um conhecido de um conhecido e assim por diante conseguiram

encontrar Kim Ribbing que entre outras coisas trabalhava com segurança cibernética hackeando os sistemas de segurança para demonstrar suas fraquezas.

— Ribbing? — questionou Julia. — Como na família da nobreza? Como Magdalena Ribbing?

— Não faço ideia — respondeu sua editora chefe Louise Granhagen, que sempre falava como se estivesse com falta de ar.

— E Kim? — continuou Julia. — É um homem ou uma mulher? Um cara ou uma garota?

— Não falei pessoalmente com a pessoa em questão — respondeu Louise. — Mas indicou a Espresso House na rua Västerlång. Amanhã às onze horas. Tudo bem?

— Sim, tudo bem. Mas como vou reconhecer ele ou ela?

— A pessoa em questão informou que a conhece.

— Tudo bem.

Depois de desligar, Julia sentou-se na frente do computador e começou a escrever alguns assuntos sobre os quais deveria conversar com a *pessoa em questão*. Sua cabeça ficou vazia porque não sabia por onde começar. Deveria simplesmente pedir a Kim Ribbing para explicar as bases do hacking e esperar que as perguntas seguintes sobre os assuntos que não estavam bem claros para ela surgissem.





## 2

No dia seguinte, Julia chegou no café dez minutos antes da hora combinada, munida de bloco de anotações e caneta. Comprou um cappuccino com uma dose extra de expresso e sentou-se em uma mesa na janela. Era final de janeiro de 2019 e as pessoas lá fora andavam no meio da neve com pensamentos secretos. A maioria usava casacos estofados que haviam se transformado no uniforme diário da classe média.

Julia não entendeu o que aconteceu, mas quando desviou o olhar da janela, havia uma pessoa sentada no outro lado da mesa, uma pessoa que fez Julia abrir mais os olhos.

— Kim? — perguntou e recebeu um aceno como resposta.

Kim Ribbing era uma revelação notável. Ele tinha um cabelo mal penteado, preto como carvão, que chegava até o peito emoldurando um rosto branco e frágil como porcelana. Se fosse tocado com firmeza poderia rachar. Os lábios eram finos e o nariz pequeno e um pouco torto, mas o mais notável eram seus olhos. Eram grandes e de um azul tão claro que pareciam transparentes. Contra o cabelo preto, pareciam ter uma luz interna com um tom ultravioleta.

Julia desviou o olhar do rosto de Kim e olhou para seu peito. O que viu a deixou cheia de conflitos internos. Kim parecia um roqueiro *bona fi*, ou, por que não, um metalheiro?! Mas, no lugar da jaqueta de couro e camiseta do *Entombed*, ele usava um sobretudo grosso antigo com lapelas grandes e por baixo uma camisa preta de gola alta com uma estampa representando Skalman de Bamse.

Então Julia não pôde deixar de questionar:

— Skalman?

— Aham — respondeu Kim. — Meu ídolo. Quem é o seu?

Julia sabia que não tinha nenhum ídolo direto, mas, para responder a pergunta mesmo assim, ela respondeu:

— Não sei. Talvez... Malala?

Kim assentiu.

— Ela é boa. Mas não como Skalman.

Julia não sabia se Kim estava sentado ali e brincava com ela ou testava seus limites para ver até onde estava disposta a ir. Parecia ter entre vinte e cinco e trinta anos, ou seja, mais de vinte anos mais jovem do que ela e talvez apresentando um humor de outra geração. Ou era apenas muito autêntico.

Julia pensou em questionar Kim sobre sua relação com o Lille Skutt, mas decidiu ir direto ao assunto.

— Entendi que você é um... hacker?

— Na verdade, um cracker, mas ser quiser me chamar de hacker, tudo bem.

Julia pegou seu bloco e perguntou:

— Qual é a diferença?

— Um hacker é alguém extremamente interessado em computadores e programação. Um cracker é alguém que se interessa pelo sistema de segurança na rede. Pode ser um *white hat* ou um *black ha*. — apresentou Kim o assunto enquanto Julia escrevia.

Conforme esperado, surgiram perguntas complementares e Kim descreveu com detalhes o que faz um cavalo de Troia e o que é um macro código. Ele tinha paciência com sua falta de conhecimentos e Julia ficou fascinada observando suas mãos pequenas se moverem graciosamente pelo ar enquanto explicava algumas coisas. Ele se mexia com os movimentos precisos de um dançarino.

Depois de algum tempo, a cabeça de Julia estava cheia de novos termos e seus contextos internos. Achou que já tinha o suficiente para fingir um conhecimento maior do que realmente possuía. Tratava-se de primeiro estabelecer uma terminologia real e assim convencer o leitor a aceitar o resto. Julia deixou a caneta e esfregou os olhos.

— Para que você quer saber isso? — perguntou Kim.

— A editora não disse?

— Não. Apenas disseram que era você. E que você precisava de ajuda.

Julia olhou ao redor antes de se inclinar para frente e baixar a voz.

— Claro que é super secreto, mas eu vou escrever um novo romance do *Millennium*.

Se Julia achou que iria impressionar Kim, ficou decepcionada. Ele nem ergueu as sobrancelhas finas, apenas questionou:

— Qual é o problema com seus romances?

— Você leu?

— O primeiro. Não achei muito bom.

— O segundo é melhor.

— Se você diz...

Julia ficou um pouco aborrecida com a indiferença de Kim por seu grande projeto e o julgamento do seu primeiro romance. Ok, ela também não achava que era extraordinário, mas não precisava *dizer isso*. Em um tom sentido, ela disse:

— Sim, mas você sabe o que há de errado com meus livros.

Kim deu de ombros.

— Melhores que a maioria.

— E mesmo assim você diz que o primeiro não é bom?

— A maioria é ruim.

Durante seu tempo como policial, Julia havia realizado centenas de interrogatórios. Parte das pessoas falava logo após um pequeno incentivo, outras necessitavam de um trabalho mais rigoroso e longo, e também havia aquelas que nunca seriam convencidas a falar porque apenas escorregavam para longe. Kim parecia estar nesta última categoria e Julia não conseguia decifrá-lo. Apesar de sua aparente fragilidade, havia uma *inacessibilidade* que ela considerava um pouco desconcertante.

— Obrigada pela sua ajuda, de qualquer maneira — disse Julia. — Foi valiosa. Outras perguntas podem surgir mais tarde, será que eu poderia...

Kim pegou o telefone, perguntou o número dela e depois fez a ligação. Ela salvou o número nos contatos com o nome Kim Cracker enquanto perguntava:

— E quanto a remuneração? Como podemos...?

Kim fez um dos movimentos elegantes com as mãos e respondeu:

— Não é necessário.

— Mas você precisa receber *alguma coisa*?

Por algum motivo desconhecido Kim parecia melancólico ao responder:



— Eu já tenho tudo.

— Tudo bem.

Pegaram seus respectivos casacos nos encostos das cadeiras. O casaco de Kim era de lã preta, o que fez Julia se lembrar de uma foto de Anders Zorn com um casaco idêntico, tirada talvez uns cem anos antes. Mesmo no olhar azul claro de Kim havia algo antigo, como se uma pessoa muito mais velha estivesse dentro de sua cabeça olhando para fora.

Andando pela rua lamacenta, Kim pegou um pacote de Camel Blue e ofereceu para Julia. Ela havia fumado constantemente durante vinte anos, mas havia parado há cinco. Podia fumar um único cigarro em reuniões sociais como uma feira de livros, mas, no geral, havia parado. Bem, esta ocasião poderia ser considerada uma reunião social. Julia pegou um cigarro que Kim acendeu com um isqueiro Zippo antes de pegar o próprio cigarro. Fumaram em silêncio por um instante, até Kim perguntar:

— Você mora aqui perto?

Julia fez um gesto na direção da rua Västerlång.

— Sim. Na praça Järn.

Kim acenou e, em um tom como se falasse do tempo, perguntou:

— Você quer transar?

Julia ficou vermelha e tossiu. Para ganhar tempo, tossiu novamente, mais do que precisava, e respondeu:

— Você percebe nossa diferença de idade, não percebe?

Kim olhou para cima e, genuinamente despreocupado, indagou:

— E?

— Nada, só para você saber.

— O que devo saber? Que não serei... papai?

Julia pigarreou mais uma vez e respondeu:

— Talvez a gente não deva decidir isso agora. Talvez possamos beber uma taça de vinho e... ver o que acontece.

Kim fez um movimento indicando que achava essas convenções sociais totalmente sem sentido. Julia deu uma tragada tão profunda que entrou em sua cabeça desacostumada com a nicotina. Fazia mais de um ano desde que havia tido relações com alguém, quando havia bebido demais na feira de livros, e a simples menção ao sexo dava um frio na barriga. Ela olhou para Kim que

despreocupadamente estudava a vitrine de uma loja de souvenirs. Alces com capacetes viking.

Julia mantinha a boa forma com alimentação correta e indo duas vezes por semana à academia iTrim. Quando seu peso ultrapassava sessenta quilos, ela se punia com uma semana de dieta em pó até o peso baixar para o ideal: cinquenta e sete. Ela estava a vontade com o próprio corpo e sabia que parecia muito bem para sua idade. “Escritora de romances policiais em boa forma”, como dizia a turma da feira de livros. “Gostosa”, como seu ex-companheiro Jonny poderia brincar, em uma das raras ocasiões em que ele brincava.

Julia não se assustava facilmente, podia apresentar uma expressão séria quando um bêbado parava e acenava, ficava fria diante das piores ameaças. No entanto, a proposta de Kim provocou um frio na barriga. Talvez não pelo fato de ele ser muito mais jovem, mas sim porque era *ele*, que ela simplesmente não decifrava. Ao mesmo tempo era tentador.

AMOSTRA



### 3

Acabaram de fumar e continuaram pela rua Västerlång sem dizer nada. Julia nunca havia encontrado alguém que sugerisse sexo tão despreocupadamente, pelo menos não no meio do dia, e isto a deixou surpresa. Mas eram obrigados a conversar, ou pareceria artificial, uma transação silenciosa. Julia se recuperou e perguntou:

- Como você ficou tão bom com computadores?
- Trabalhava com isso. Até saber tudo o que havia para saber.
- Ah. E o que você fez depois?
- Parei.
- E com o que você trabalha agora?
- Nada.
- Mas... como você se mantém?
- Como eu disse. Já tenho tudo.

Chegaram ao portão de Julia onde ela digitou o código e abriu a porta pesada. O mármore da escada do seu apartamento estava gasto pelos passos durante centenas de anos. Julia gostava do peso histórico e único do prédio, se sentia mais em casa do que no apartamento em Bagarmossen onde havia residido durante vinte anos com Jonny.

O apartamento de Julia tinha quatro cômodos em noventa metros quadrados comprado por onze milhões e meio. Só a vista da janela da sala que dava para a praça Järn respondia pelo último meio milhão. Kim pendurou seu sobretudo em um cabide de ferro fundido que Julia havia comprado na Itália. Ela sempre trazia alguma coisa das viagens, para materializar memórias na casa.

Julia olhou para a porta semiaberta do seu quarto, onde a cama estava bem arrumada. Depois, ela sentiu uma onda quente passando por seu estômago e